

canto Coral
Poesia - 1998

GERALDO SANTOS PEREIRA

Modificado

CANTO CORAL

POESIA

BELO HORIZONTE
1998

CANTO CORAL

ÍNDICE

1.	CANTO A ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY.....	Pág. 1
2.	CANTO AO ITINERÁRIO HUMANO	2
3.	CANTO A ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA	7
4.	CANTO AO HOMEM SOLITÁRIO	9
5.	CANTO DE AMOR	10
6.	CANTO COMPASSADO	12
7.	CANTO À NOVA CIDADE	14
8.	CANTO DE EXISTIR	16
9.	CANTO ETERNO	17

“Que l’homme étant revenu à soi, considère ce qu’il est au prix de ce qui est; qu’il se regarde comme égaré dans ce canton détourné de la nature; et que de ce petit cachot où il se trouve logé, j’entends l’univers, il apprenne à estimer la terre, les royumes, les villes et soi-même son juste prix”.

Blaise Pascal
“Pensées”

CANTO A ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

- I -

Agora tombas, Antoine, ferido de morte no combate aéreo.
Tentas salvar teu avião e cais sobre o mar que sobe,
e cais e lutas, buscas o comando e a extrema força, e desces,
rasgas o espaço vertical, uma calma intensa te possui,
voltas a lembrar tua vida, neste instante derradeiro,
o lar, tua mãe, tuas cidades, os companheiros, os pilotos,
as casernas, teus campos de pouso, os homens de teus livros,
o jardim de flores abertas, o deserto, tua cabana de madeira,
Cap Juby e tua solidão, lembranças, parcelas da eternidade.
Teus ouvidos perscrutam o espaço, os aviões que chegam e partem,
as buscas, o céu limpo, a quieta solidão dos ares, as aldeias,
ruas de Paris, amizades que enternecem, velhas bordando,
um piano, a doçura de rostos que amaste, tua mulher, Consuelo.
E tombas, e desces, e lembras, tudo é nítido, pedaços de vida,
carícias de mãos homanas, abençoada paz, teus anseios, teu amor,
tua imensa ternura e tua liberdade, as decolagens, as despedidas,
o primeiro vôo, as noites crescendo, o que olhaste do alto,
as tempestades, aterrissagens, o silêncio de motor parado,
teu leito, as tripulações cansadas que regressam, o calmo vento,
as planuras, os campos plantados, as pastagens e o manso gado,
os mecânicos com mãos manchadas de óleo, tua mesa de trabalho,
a claridade astral, a terra firme, os lavradores, o mar, o mar,
este conclusivo mar que avança e cresce nesta morte vertical,
pássaro sangrante, quebrada asa. Depois o impacto, o estrondo,
o talho na massa líquida. E afundas, e pousas, e morres.
Tudo emudece, o mar que cicatriza, o profundo silêncio submerso,
o corpo imóvel no cemitério fluido, inerte gaivota, lousa úmida,
imensidade e abismo, ventre oceânico, peixe alado pousado no fundo.

- II -

Há muitos anos desapareceste, agora te saúdo e te relembro
com memória comovida, Antoine de Saint-Exupéry, piloto e herói,
escritor e combatente, figura de lenda, lenda humana, e eterna.
Tua raiz fecunda, e vives, há uma luz intensa em teu sepulcro,
perdido túmulo perdido em mar incógnito, onde crescem algas,
e estranhas plantas, flores marítimas e o côncavo silêncio.
Muitos peixes rondam o oculto abismo onde pousaste, Antoine,
tanta doçura que se perde em teus olhos ainda abertos,

e que agora fertilizam as ondas, tanto viram o imenso espaço,
os vastos céus, grandeza sem limite, e homens e noites, e sorrisos,
rostos cheios de amor e compaixão, tanto entenderam, amigo,
tanta vida tinham, tanta ausência recordaram, coragem e plenitude,
teus olhos decompondo, perdidas mãos, abandonado leme,
bússola partida neste ermo infinito onde afogaste, companheiro,
conquistador de ventos e imensidades, impulso que investiga,
latitude e marco do insondável, bandeira transparente e frágil,
hóspede das noites e das nuvens, caule da leveza e do incorpóreo,
tão quieto e solitário em teu recanto abissal, vida dissolvente.

- III -

Foste dono da amplitude e nela deslizaste, ave que flutua,
raiz sideral de rumo e rota, lar movediço, planta aérea,
impulso e arrojo, movimento que escoar e arremete, alada fuga,
minuto que se esvai, tempo efêmero, claridade astral.
Depois que imergiste, amigo, ficamos sabendo, comovidos,
que foste um instante decisivo, piloto do sonho, radiosa aurora,
porção segregada do eterno. Tua calma submersa, teu silêncio
chegam ao nosso mundo como vozes, teu exemplo já fecunda e atua.
O que ganhamos também nos deste, foste um passo e um futuro,
e todos te saúdam, Antoine, e guardam tua história como lenda.
Mandamos te dizer que outros rasgam o espaço, teu espaço,
companheiro das estrelas, confidente heróico e solitário.
Buscaste uma dimensão maior, mais livre e mais aberta, a vastidão,
a liberdade, a infinita altura, as nuvens que se abrem, o vôo.
Assim serviste, e foste atento e solidário, teu mundo é verdadeiro,
teus livros nos comovem, semente de amor e de esperança.

- IV -

Os homens te consagram e amam teu pequeno príncipe, teu símbolo.
Sabem que és eterno e te encontram na distância que transpõem,
nesta imensidão, neste amanhacer e nesta luz. Voas conosco,
sobes e vais à Lua. Tuas mãos comandam sempre, e agem e crispam.
Todos os pilotos te conduzem, comandante, e são teus confidentes.
Há um glorioso hino que te exalta e canta nos espaços,
há uma alegria que deslumbra, há esta paz pujante que nos deste.
O respeito ao homem que pediste começa a ser ouvido, irmão e amigo.
Há uma esperança farta e grande, há uma confiança ardente.
Tua ternura nos envolve e nos comove. Tocas em nossa alma,
e cada sorriso que se abre nasce em tuas mãos eternas.

Há música que desce de um horizonte luminoso,
e que nos exalta como substância e vida. Há grandeza e símbolo,
há um espanto e uma emoção, e tudo se conquista.
Como tu, também os homens têm necessidade de ser livres.
Estás nos céus, no que é belo e puro, nesta vastidão.
O que escreveste nos fala com ternura, teu coração lateja,
tuas asas sulcam um caminho banhado de sol, teu sangue expande,
tua imagem sobe e cresce e alcança uma grandeza universal,
Antoine de Saint-Exupéry, pastor do vento, piloto da aurora.

CANTO AO ITINERÁRIO HUMANO

- I -

Tudo surgiu do carbono, matéria essencial, a Ciência explica.
Combinado com outros elementos, hidrogênio e oxigênio,
formou a água, o nitrogênio, o enxofre, o fósforo,
entrou na composição dos hidrocarbonetos e oxigenados,
as primeiras substâncias que, no oceano primitivo,
formaram compostos mais complexos, as albuminass e albuminóides,
de que resultou a matéria constitutiva dos corpos animais e vegetais.
Há quinhentos milhões de anos o mundo vegetal eram algas,
e o animal celentérios, espongiários, anelídeos e trilobitas.
No período siluriano apareceram vegetações e, no mar,
os primeiros vertebrados, semelhantes às atuais lampréias.
Só em meados do terciário surgiram espécies de aves e mamíferos.
Na segunda metade, os macacos, inicialmente os cinocéfalos,
macacos inferiores, depois os antropóides, superiores.
Há um milhão de anos, nos limites do terciário e quaternário,
surgiram os pitecantropos, transição de macaco e homem.

- II -

Fomos, no princípio, um ser zoológico, feroz e rude.
O homem sábio, dotado de sentimento e raciocínio,
surgiu depois para criar um admirável mundo novo.
Apareceu nos confins da Ásia, no período paleolítico,
morou em cavernas, em abrigos sob a rocha, buscando meios de ação
Com o passar dos tempos, tornou-se mais forte e lúcido.
Melhores condições tornaram-se perfeito e harmonioso,
com vontade criadora, inteligência ativa, ágil e audaz,
dotado de espírito racional, capaz de manejar um mundo dútil.
Depois, na civilização da pedra-nova, que chamam neolítica,
aprendeu a polir, tornou-se pastor, domesticou os animais,
fez-se agricultor, desbravou as matas, transpôs os rios,
selecionou espécies vegetais, lavrou a terra, plantou sementes,
construiu cabanas e moradas mais seguras para abrigo.
Tornou-se gregário, formou sociedades, preparou-lhes a defesa,
organizou-se para as guerras e o trabalho, exercitou os metais,
utilizou o cavalo em seus ofícios e viagens, ampliou sua ação.
Usou a roda e o ferro, fabricou utensílios e armamentos,
as raças se misturaram, com migrações e lutas de conquista.
Civilizações mais fortes começaram a se impor,

enquanto o homem traçava as rotas, vagava em nomadismo,
buscava as regiões de caça e pesca, perseguia manadas bravias.
Começou a plantar, fixou-se na terra, colheu alimentos,
fez a primeira liga. Do cobre e do estanho tirou o bronze,
da tosão dos animais e do mundo vegetal retirou as fibras têxteis,
teceu as vestimentas, fez abrigos contra o frio,
criou sistemas econômicos, expandiu as trocas, ampliou o comércio,
forjou impérios, avançou sua sombra em toda parte.

- III -

De seres circunstanciais, arcaicos e transitórios,
surgiu um homem de qualidade mais sensível e ordenada,
de potência estável, duradoura e firme.
De um todo incoerente e amorfo projetou-se um ser mais denso,
com força consciente, ação mais criativa e fértil,
capaz de impor costumes depurados, instituições estáveis,
sistemas e conceitos, regimes, cultura e ideologia.
Gerou antagonismos, grandeza e miséria, arrojo e submissão,
fez a história avançar, com seu impulso e audácia,
fez matanças, destruiu aldeias e cidades, provocou a fome.
A terra cresceu sob sua sombra e força soberana,
deixando em toda parte a marca vigorosa de seus passos.
Realizou o temerário, em todas as latitudes, com liberdade e ímpeto,
saturando a vida de desassossego e vigor, traçando caminhos
com sangue, suor e monumentos, sob os quais se sepultou.

- IV -

Inquieto e sábio, inventou instrumentos de pesquisa,
fundou a Astronomia, explorou o universo e o decifrou.
Com olhar fascinado, rompeu as conjeturas e os axiomas,
fez conquistas, traçou caminhos de glória: Brahe, Kepler,
Newton, Galilei, sábios e pesquisadores, pioneiros e inventores,
videntes e heróis, descobridor de mundos e leis fundamentais,
abrindo abismos e nele se arrojando, verdade antecipada.
Deslocou-se por seus próprios meios, moveu-se em rios e oceanos,
traçando a cronologia eterna: Egito, Assíria, Babilônia, Hebréia,
Fenícia, o Império Medo-Persa, o caminho das Índias,
Grécia, Roma, Idade Média, Renascença, nossos dias.
Subiu às alturas, rasgou o vento, traçou caminhos no espaço,
barqueiro sideral, descobridor de estrelas e planetas,
conquistador alado, habitante de ventos e vagas,

CANTO A ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA

- I -

Diante de teus restos, aqui te exalto e rememoro, Aleijadinho.
Reverencio tua memória, desventurado artista, criador de gênio,
servo humilde de Jesus e de teu povo, figura dolorosa e rude.
Subiste de joelhos os degraus do sofrimento, foste humilde e paciente.
Agradeço-te, artista solitário, tenaz e forte, tua obra é comovente.
Agradeço o que nos deste, e me inclino diante de tua glória.
Aqui viveste, aqui criaste, dando forma à pedra e à madeira.
Aqui crescestes, nesta Vila Rica heróica, erguida em sangue e espanto.
Aqui viveste um tempo fértil e eriçado, de tumulto e rebeldia,
pisando caminhos ardentes, de poetas, escravos e conspiradores.
Aqui morreste, entre preces e gemidos, o corpo lacerado,
pedindo que, sobre ti, Jesus pusesse os divinos pés.
Canto as façanhas de tua cidade compassiva e eterna.
Não me calo, Vila Rica, e te dedico um verso de humildade e amor.
Recordo tua história, vejo suas montanhas de ferro e sangue,
de onde mãos vorazes tiraram ouro e pedras, cascalho e lápides.
No ermo nebuloso de teus picos escuto ventos, ecos estupefativos,
símbolos incorpóreos, vozes que reaquecem substâncias imortais.
Teu martírio, Vila Rica, renasce em nosso espanto, em tuas mortes,
em teus espectros e neblinas, que o sol luminescente rompe,
para dourar os monumentos e afugentar as sombras que meditam.
Cidade de metáforas, Vila Rica, Ouro Preto, refinada e dura,
compulsiva terra de poetas e rebeldes, artistas proletários.
Teus filhos te amaram, pressentiram a liberdade e a anteciparam.
Cambiante e nuançada, tua luz é límpida e inspirada.
Olho teus horizontes e nelas perscruto segredos e mistérios.

- II -

Recordo tuas lendas, Vila Rica onírica e profética, angustiada e forte.
De teus cantos e recantos, de tuas sombras e velas ouço versos,
súplicas e delações, juras de amor, gemidos e confidências.
Foste palco de proezas, berço de vitórias e malogros, foste humana,
e aqui choraste, sem escárnio, a cabeça de teu grande herói,
Tiradentes, figura nobre, de coragem e altivez.
Remota e póstuma, renasces, Ouro Preto, em cada diz, em cada auror
Cidade atávica, eterna e obsessiva, secreta e atormentada,
guardando em tuas pedras, paixões e angústia, tua matéria-prima.

De tuas minas se nutre a seiva da piedade e do perdão.
Teus monumentos, tuas linhas arquitetônicas criam formas ideais,
um equilíbrio que elimina o peso e dá ao volume a leveza do sonho.
Tuas imagens parecem fendidas por um clarão poético e luminoso,
sombrias pressentidas que conservam a emoção e excitam o imaginário.
Teus muros, teus desvãos, tuas sacadas e gelosias retêm réstia de luz,
projetam imagens absortas, sombras diluídas, lembranças e desampar
névoa e passos tímidos, como fragmentos do efêmero e do eterno.
A agonia de teus sinos vibra nas ladeiras, em tuas sombras,
transformam-se em lamento, ergue-se e se amplia na distância.
Tua voz libertária rasga o espaço, como um grito, fere a amplidão,
o fugidio se faz eterno, em teu cotidiano, transcende a si mesmo,
engendra uma linguagem mais pura, perpetua-se em granito,
recolhe pedaços do infinito, compõe um todo sólido e minudente.
Canto tuas noites, Vila Rica, teu silêncio que arqueja,
teus vultos que espreitam. Canto duas imagens, Aleijadinho,
teus anjos, teus profetas, tua obra dolorosa e mística.
O que esculpiste inspira nosso culto, fecunda nossa fé.
Levas em teus passos uma esperança ardente, que humaniza.
Quero depositar em teu túmulo uma flor de piedade e amor,
um verso compassivo, uma rosa sangüínea e enternecida.

CANTO AO HOMEM SOLITÁRIO

No meio da noite, quando a cidade se aquieta,
um homem caminha sem destino, anônimo e solitário,
indiferente ao tempo, ao rumo e à sensatez.
Fechado em seu segredo, tem passos lentos,
um rosto fatigado e triste, pensativo e tenso.
Ser ocasional, esconde um mistério indecifrável,
largado às circunstâncias e ao imprevisível.
Recolhido em si mesmo, percorre um compassivo itinerário,
alheio ao perigo, inútil e sem defesa.
Caminha lentamente, avançando sobre metros e centímetros,
pisando um espaço aflito e hesitante.
Alguém o poderia socorrer? Há uma mulher que o acolha?
Talvez ninguém. Somente ele, secreto e melancólico,
com seu desassossego, sua inércia amorfa.
Terá família, livros para ler, música para ouvir?
Terá passado, lembranças para recordar?
Talvez uma mulher calada o espere em quarto triste,
sem entendê-lo, incapaz de socorro e afeto.
O homem segue, enigmático, guardado em seu dilema,
como forma oca, absorta e sonolenta, eriçada e intranquã.
É possível que desapareça numa sombra, ou então morra.
Outros, do mesmo tipo, se mataram, sem deixar bilhete.
Ser noturno, de lirismo atormentado, avança, incansável,
ferindo um chão pungente, até que a noite o dilua.
Quando o dia nascer e inundar de sol a cidade,
o homem anônimo talvez se perca,
engolfado pela multidão de outros seres anônimos e solitários.

CANTO DE AMOR

Estou quieto e atento nesta noite de silêncio e anseio.
O mar é a prolongada voz neste tempo tenso, neste espaço denso.
Há uma calma que estremece, nesta noite imensa.
Há estrelas que cintilam e sombras que se agitam.
Meu pensamento a busca entre lençóis brancos,
os leves lençóis que a recobrem e o travesseiro em que repousa,
e onde pousam seus cabelos como raízes de sonho.
A terra é o leito, irrigada terra onde adormecem meu amor,
imóveis pálpebras, respiração de brisa, alma que fecunda,
quieta no sangue, seu abrigo, e tenra como fruto,
nesta noite tímida que se entrega, confidente e lânguida.
Nela palpita minha ternura, meu carinho que lateja nesta noite quente.
Meu lirismo atormentado recolhe-se em seu colo, neste ninho,
e ali planta uma semente, um céu aberto, uma certeza firme.
Por este espaço vagam meu desejo, um gesto que desperta,
uma sombra que desliza, uma névoa que repousa,
a espuma que evapora e fecha o ofego de meu peito,
assusta a substância de meu ser, ressoa na memória,
abre meus sentidos e minhas mãos que acordam, amor.
Tanta ternura e tanto agrado, tanta carícia mágica, tanto encanto,
que tanto canta e me estremece. Este tranqüilo sono me conforta,
nesta noite densa e ardente onde dorme a mulher que guardo,
como sentinela, debruçado como caule, dando sombra.
E e a vejo e defendo, recolho-a em minhas mãos,
aspiro-lhe o perfume, meigo objeto, forma imóvel e palpitante,
tecido de sonho, fragilidade e leveza, folha que flutua.
Durma em paz, estou atento e diligente,
o pensamento desperto, como um sol noturno.
Quero que uma suave lua desperte-a como afago
e a claridade caminhe, sem manchar, sobre um espaço puro,
neste quarto de sombras e quietude, de silêncio e uma
que chega com doçura, para pousar em suas pálpebras translúcidas,
despertando-a como pássaro, dissipando a noite,
recolhendo o sonho, recompondo a força, revigorando o gesto,
diluindo a névoa no sangue que circula, na lembrança que acorda.
Quero a claridade abrindo suas retinas, florescendo no sorriso.
O sol é generoso, a amizade é grande, nada pesa
na manhã de linhas harmoniosas, de música envolvente.
O espaço é límpido, os passos se ordenam, é reta a direção.
Esta é a mulher que acorda, nesta doce hora,

nesta atmosfera de familiar ternura, pacificada e pura.
Há um aroma de verniz e tinta fixada, há um perfume indefinido,
uma aurora de cores que se avivam e interpenetram.
Tudo sobe neste leito e cresce como folha e seiva,
como germe e pétala, corola e pólem, semente e adubo.
É puro e belo este amor que acorda neste acomodado instante,
nesta simetria cuidadosa, neste pensamento lúcido.
As imagens se recriam neste tempo fecundado, e amadurecem
neste mundo pródigo, neste sol que se desfruta,
neste corpo consciente, nesta voz que se articula, sem esforço.
Há coisas a dizer e confessar, a receber e dar.
É nossa a terra onde nascemos. Aqui moramos,
aqui vivemos, aqui nos entendemos, solidários.
Há uma emoção, uma súplica ardente neste dia,
há um grito arrebatado, há uma festa que exalta.
Vivemos e nos amamos, nada nos separa e nos aflige.
Nosso amor é certo e intenso, como a fé.
É comovido o anseio, ardente a carícia,
penetrante a esperança. Busco-a como asa e impulso,
minha certeza é sem pretexto, meu pensamento é racional.
Despertamos, amor, é novo o dia, esta é nossa vida,
este nosso tempo. Tudo nos pertence, para nosso uso.
Há risos, crianças e cores luminosas, há uma melodia eterna.
Esta prodigalidade é para desfrutar e repartir.
Temos força, vontade e plenitude, infinitos poros de viver.
É nossa a noite e nela nos amamos, como é nosso o dia.
Tudo se entrega: as ruas, as flores, o mar, a montanha.
Há rios e oceanos para nossa fuga, distância para nosso sonho.
Há o encanto de viver e de existir, esta dádiva, este carinho,
esta fecundidade de amar e renascer, esta força que se amplia.
Somos fortes, temos filhos, erguemos fábricas, sulcamos terras,
e nela plantamos a força de nosso corpo que se aquece neste sol.
Receba-o, abrindo-lhe os sentidos, entregando-lhe sua alma.
Vivamos, amor, vivamos juntos, solidários, neste mundo renovado.

CANTO COMPASSADO

Há muito tempo, onde nasci, na manhã de inverno,
fria e calma, passei sob uma janela
de uma casa velha, em triste e desolada rua
da cidade pobre, e lá havia uma sala larga,
com cadeiras toscas de palhinha, e canapés, mesinha,
vasos e flores desbotadas e, ao fundo, um piano velho
que uma menina triste dedilhava, o rosto delicado,
as tranças amarradas com uma fita branca, e que tocava
um triste Prelúdio de Chopin, ressoando na distância,
e a menina, como me recordo sempre, descobriu que alguém
a via e ouvia, observava que era triste a sala,
e belos os olhos da criança que era triste, mas que sorria suavemente,
e nada disse, continuando a tocar, o Prelúdio de Chopin,
mas - ai de mim! - tão importuno fora que o sortilégio se perdeu
naquele instante breve, e a música soou tão triste
que a sala, na manhã de inverno, ficou sem luz e cores,
fazendo-me seguir na direção do rio de águas mansas,
caminhando entre arbustos e barrancos, onde eu tanto ia,
e via o tempo deslizando, e pescadores, lavadeiras
lavando pobres roupas de maridos pobres, camisas de fustão,
lenços, toalhas e lençóis onde dormiam, e por lá fiquei,
refletindo sobre o tempo e recordando a melodia
que o piano velho recriara na manhã difusa, na vida apaziguada
que eu mal sabia e compreendia, criança como era,
tanto tempo se passara, deixando lembranças fundas,
até hoje recordadas na memória comovida, nestes anos transitórios,
nesta infância já vivida e esperanças diluídas no tempo
alegrias indo e vindo, curiosidades sem fadiga,
amargos dias e inquietas noites, o encanto derrotado,
as mágoas se alternando com a alegria breve e triste,
até que, na noite imensa, eu a vi e ouvi, na sala grande
com o piano grande e negro, e outra era a música, serena e pura,
como branco o vestido, calmo o olhar, belos os cabelos,
pequenas as mãos de esquiwa ossatura e sangue ardente,
de pura anatomia, criando acordes num acordo imprevisto
com o sonho, de inflexões sutis, de movimentos puros,
e graciosa ondulação, a forma mais precisa,
a inteligência calma, como um minuto decisivo, que não morre,
tão longo para a curta vida, que os tempos custam a conquistar,
e que eu mal supunha, sem defesa, fosse ela que o perdido encanto

revivesse e retivesse da menina pobre, do piano velho,
e outra música criasse para meus ouvidos fatigados
de tantos ruídos e estampidos de uma guerra inútil,
quando crianças brincavam entre bombas e chacinas,
e gritavam sem saber porque morriam,
quando dormem os pássaros, repousam os animais,
as flores se entreabem, deslizam ois rios, sopra o vento,
e caem bombas nos jardins, abrindo covas,
como meteoritos de um céu sinistro, despovoado e triste,
nesta terra penetrada pela música e o teclado onírico que recordo,
como um símbolo arrebatado desta arquitetura acariciante,
invadindo meus sentidos, estremecendo sob notas de sonho,
de imagens místicas, jubilosas e atormentadas,
de solução e fogo, desta fé que trespassa a noite,
reflui ao ventre, ao berço à infância e à ternura,
de um silêncio que arqueja e vibra e a memória se entrega,
penetrando como anseio e amor, repousando nesta fronte exausta,
como a melodia que evolva e que revive,
neste tempo de viver e recordar, nesta paz eterna,
no lirismo apaziguado de um tempo insone e interminável.

CANTO À NOVA CIDADE

É uma tarde deslumbrante.
Há vento e o generoso sol cobre a cidade.
Por ela caminho entre gente que não conheço, mas estimo.
Nada perturba sua doce calma, nada é inamistoso e hostil.
As perguntas e respostas, antes aflitas, agora têm paz.
O passado não pesa, nem o futuro é incerto.
É um presente absoluto e firme, tudo inspira confiança.
Meus passos caminham neste espaço reto, com sossego.
Há canto e euforia, fé e bondade nos olhos,
muita quietude, tranqüilas certezas, firmeza e vontade.
Há, principalmente, crianças e jovens que brincam nos jardins.
Estou surpreso e, sem saber, pergunto se a cidade é nova,
ou novos somos nós, e nova a paisagem, claro o entendimento,
precisa a memória, o pensamento ágil e consciente.

Avanço na encantada simetria destas ruas, desta arquitetura rara.
Passa um homem idoso, vagarosamente, apaziguado.
Muitos lhe dão passagem, temendo perturbá-lo.
Vem também uma mulher de cor com uma criança pobre.
Andam com tranqüilidade. Tudo é unânime e natural,
nenhum detalhe agride a natureza harmoniosa e límpida.
Até acredito que os perigos desapareceram da cidade,
deixando-nos um espaço imenso, para nosso uso,
para o vôo dos pássaros, o respirar das plantas, o silêncio.
O ar é leve e aromado. Há uma liberdade desfrutada,
há campos onde crescem flores, uma atmosfera tênue,
uma neblina fresca que balança as flores e traz a aurora.

Os homens andam sem tumulto, em um espaço dadivoso;
podem ver e admirar, conhecer o caminho e seus vizinhos.
Uma melodia se amplia, dadivosa e lírica.
Tudo é solidário, persuasivo e franco. Eis a plenitude,
a confiança fraternal e humana, a vida renovada.
A cidade é minha e nossa, feita para unir e amar,
abrir caminhos bons e amistosos, tempos de meditação.
O amor que a construiu é farto, é o mesmo que irriga e avança.
Apenas fazendo um gesto, tudo vem ao nosso encontro.

Eis a cidade confidente e amiga, sem tormento e medo,
de espaço limpo, latitude clara e arrojada.

Há-de existir para sempre, renascendo em cada dia,
nesta vida que amanhece, esplendorosa e fértil.
Este é nosso teto, nossa cidade pura e humilde,
de espaço aberto, conquistado à amplidão.
Este é nosso tempo, aberto aos caminhos do amanhã,
levando em suas asas uma humanidade nova, um sangue novo,
uma crença enternecida onde nossas forças se recriam.

CANTO DE EXISTIR

Abrir os olhos é lembrar-se que ela existe e o ama.
é sentir uma ternura intensa, e estremecer.
É lembrar-se que a vida recomeça em sua boca, em seus olhos,
neste sol, nestas flores, nesta terra orvalhada.
Ela existe e ele existe, e se amam neste dia,
em cada dia, na eternidade de amar e de existir, na carícia eterna.
É teu o dia, amor, e nele a vida se renova,
a terra se abre e nela caem sementes que fecundam.
Há desenhos luminosos no espaço, há sombras que repousam.
Cantam os pássaros, os galos chamam o sol, ruma o gado,
respiram as chaminés, o fogo se aviva, jorra o leite,
crianças se amamentam, há prece, há súplicas e anseios.
Acordas, preguiçosa e quente, o sol ilumina teus cabelos.
Tudo canta e revigora a substância de teu ser.
Estamos vivos e pulsamos, hóspedes da música e do sonho.
Há uma esperança farta e conivente, a emoção nos envolve.
Os amantes se encontram, caminham lado a lado, se beijam.
Tudo é para desfrutar, neste lirismo dadivoso que nos comove.
Sei que te amo, que me amas, somos dois e somos muitos
neste dia que é nosso, eternamente, renovado em novo dia.

CANTO ETERNO

O mundo a meus pés, imóvel.
Meu corpo no espaço, atento.
As estrelas no infinito, cegas.
Meu espírito no tempo, inerte.
O mundo a meus pés, insone.

Acordo agora do infindável,
a frente no vidro da janela.
Rompe-se o silêncio na treva,
entram ruídos da vida acordada:
o galo trazendo o sem-fim, o tempo.
O lobo clamando a claridade,
o pássaro da esperança, o eterno.

Tudo se dissolve na amplidão e na memória.
O infinito fica puro e leve, ao meu alcance.

Meu corpo na terra, a escura terra
que me enterra neste abismo, nesta angústia,
neste anseio de quietude e repouso.
Meu espírito no corpo, exaurido. A morte.
